

**Aurelio Pérez Jiménez, José Ribeiro Ferreira e Maria do Céu Fialho (coordenadores): *O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política* (Coimbra e Málaga, Imprensa da Universidade de Coimbra – Universidade de Málaga, 2004), 288 pp. [ISBN 972-8704-25-9 (Portugal) / 84-608-0166-7 (Espanha)]**

Esta notável publicação, fruto da colaboração entre as Universidades de Coimbra e de Málaga, reúne doze trabalhos, que têm como objectivo, segundo a definição dos seus editores, “focar alguns exemplos, desde a origem greco-latina até à modernidade, de um recurso expressivo de cariz poético-político que constitui uma das múltiplas linhas de força da linguagem cultural europeia de matriz clássica” (p.8). O conjunto dos doze artigos é ordenado por um critério cronológico dos autores tratados, embora por vezes seja apenas aproximado. Isso, à medida que se avança na leitura, permite ficar com ideias claras relativamente à evolução que o retrato literário foi tendo ao longo das diferentes épocas, a partir da proposta dos diferentes autores.

Jeffrey Rusten abre o livro com o artigo “Pericles in Thucydides” (pp. 9-22). Outros autores gregos são estudados: Maria de Fátima Silva apresenta “Os *Cavaleiros* de Aristófanes. Um padrão de caricatura biográfica do político” (pp. 23-36); José Luis Calvo Martínez analisa a “Oratoria y biografía. El retrato de Alcibiades en Lisias e Isócrates” (pp. 37-48); e Aurélio Pérez Jiménez questiona “Las *Biografías* de Plutarco como medio de propaganda imperial?” (pp. 49-64).

O primeiro trabalho, relativo a autores da época romana, é de Maria Cristina de Sousa Pimentel, com o título “*Virtus ipsa*: O retrato literário nos *Annales* de Tácito” (pp. 65-82). Seguem-se mais dois artigos: um, de José Luís Lopes Brandão, trata dos “Retratos dos Césares em Suetónio: do *eidōs* ao *ethos*” (pp. 83-114); outro, de Francisco de Oliveira, apresenta “Biografia dos Imperadores em Plínio o Antigo” (pp. 115-130).

Seguidamente, um outro artigo centra a sua atenção na época medieval, embora não se limite a ela. É de autoria de António Manuel R.

Rebelo e tem como título “A estratégia política através da hagiografia” (pp.131-158).

À época do Renascimento são dedicados dois trabalhos: um, de Rita Marnoto, trata de “*Il Principe* ou *De Principatibus* de Niccolò Machiavelli. O príncipe novo que parece antigo” (pp.159-180); outro, de Nair de Nazaré Castro Soares, estuda “O retrato do Príncipe como estratégia política e modelo educativo no Renascimento” (pp.181-230).

Os últimos dois estudos centram-se em autores dos séculos XIX e XX. O primeiro, de Maria Helena Santana, tem como título “Retrato e anti-retrato: o grande homem em Eça de Queirós” (pp.231-242); o segundo, de Fernando Catroga, aborda “O Magistério da História e a exemplaridade do ‘grande homem’. A biografia em Oliveira Martins” (pp.243-287).

A publicação, que agora se analisa, é de agradável leitura, para o que muito contribui a disposição gráfica dos textos. Há, no entanto, um reparo a fazer em relação a algumas gralhas existentes neste volume, que uma revisão prévia poderia ter evitado. Damos apenas alguns exemplos: na capa, *coordinadores* por *coordenadores*; no Índice, *padrão* por *padrão*, *propaganga* por *propaganda*, *Brandão* por *Brandão*, *Suetonio* por *Suetônio*, *Plinio* por *Plínio*, *hagiografia* por *hagiografia*, *principe* por *príncipe* (p.5); *assim com* por *assim como* (p.8); *critica* por *crítica* (p.205); *exililio* por *exílio* (p.235), entre outros exemplos. Estas incorrecções, porém, em nada tiram o mérito e a qualidade a este conjunto de artigos.

Em síntese, estamos perante um livro muito útil para todos quantos desejem aprofundar os seus conhecimentos sobre a evolução do conceito de “História” e a forma como diversos autores, desde a Antiguidade Clássica, foram delineando o retrato político dos vários agentes, perseguindo sempre um *exemplum* e um *speculum* para as gerações vindouras.

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES